

NUM REENCONTRO COM GREIMAS, AS PERSONAGENS DE UM ROMANCE DE GERINALDO

MARIA TERESA ARAÚJO*

1. INTRODUÇÃO

1. Alguns modelos teóricos

Sem as personagens, qualquer narrativa seria ininteligível, escreve Barthes no nº 8 (1966) da revista *Communications*. São elas elemento fundamental da estrutura da narrativa.

No entanto, não foi sempre esta a noção de personagem. Aristóteles, na *Poética*, define-a como uma entidade secundária, subordinada à acção (50 b15); mas entende-se que esta obra é uma teorização da tragédia.

Mais tarde, a personagem assume o papel subordinador da acção, apresenta-se como "pessoa", mesmo antes de agir: ou seja, uma essência psicológica. É estudada segundo critérios mais ou menos intuitivos de cariz ora psicologizante, ora sociologizante, mas sem instrumentos capazes de consolidarem essa perspectiva.

É em reacção a este conceito que Tomachevsky nega o papel relevante da personagem na narrativa - como nota Todorov no mesmo número da revista citada.

Surge, então, a análise estrutural que vai considerá-la não como um "ser", mas como um "participante", tomando-a numa perspectiva funcional.

O primeiro teorizador funcionalista, V. Propp, analisando os contos russos⁽¹⁾,

constata que há elementos permanentes e invariáveis, as funções "l'action d'un personnage, définie du point de vue de sa signification dans le déroulement de l'intrigue"⁽²⁾. Delimita-as, 31, e postula que se sucedem linearmente, segundo uma mesma ordem, podendo prever-se dois modelos dominantes: H-J (combate contra o agressor e vitória do herói) e M-N (tarefa difícil e seu cumprimento).

Estas funções, unidades narrativas mínimas, agrupam-se por sete "esferas de acção", do agressor, doador, auxiliar, princesa e seu pai, mandador, herói e falso herói⁽³⁾.

Fixa, assim, um número restrito de "dramatis persona", atribuindo a cada uma determinadas funções; mas uma função pode, também, ser desempenhada por várias personagens. Não analisa, porém, com a mesma sistematicidade, os seus atributos, o que é compreensível já que os define como "valores variáveis", pertencendo, não à ordem da narrativa mas da retórica.

Ou seja, Propp caracteriza o género de narrativas que estuda, do ponto de vista do comportamento das personagens - com referência às unidades que constituem os contos e às relações que estas estabelecem entre si e com o conjunto.

Numa área de estudos diferenciada e não influenciado por Propp, Étienne Souriau⁽⁴⁾ chega a conclusões muito semelhantes. Ao estudar o processo de consti-

* Docente da ESE de Beja

tuição da "situação dramática", encontra 6 "funções dramatúrgicas", que configuram outros tantos modelos de personagem:

- Leão.....a Força temática orientada
- Sol.....o Representante do Valor orientador, do Bem Desejado
- Terra.....o Obtentor virtual do Bem
- Marte.....o Oponente
- Balança...o Árbitro, atribuidor do Bem
- Lua.....o Auxílio, repetição de uma das forças precedentes

Este modelo, aplicado ao drama, é comparável às "esferas de acção" de Propp, relativas ao corpus que estudou. Não homólogo, mas comparável - tal como ficou provado depois do cotejo que Greimas apresentou (5).

Lucien Tesnière, ao qual Greimas faz também referência (6) é responsável pelo importante termo e conceito actante "les actants sont les êtres ou les choses qui, à un titre quelconque et de quelque façon que ce soit, même au titre de simples figurants et de la façon la plus passive, participent au procès" (7). Os actantes estão subordinados ao verbo e classificam-se em:

- 1º actante----- semanticamente, o que realiza a acção (sujeito)
- 2º actante----- semanticamente, o que suporta a acção (complemento directo)
- 3º actante----- semanticamente, o beneficiário/prejudicado da/pela acção (complemento indirecto)

ou seja,

"agent vs patient vs bénéficiaire" (8), correspondendo, respectivamente, ao 1º actante, ao 2º actante e ao 3º actante.

Greimas interroga-se como pode o "bénéficiaire" pressupor um "agent" e não um "bienfaiteur".

Tzvetan Todorov, analisando *Les Liaisons Dangereuses* (9), observa, também, as personagens enquanto entidades relacionais. Reduz-las a três predicados de base - desejo, comunicação, participação. Todas as outras derivam destas com a intervenção da regra de oposição e da regra do passivo, ambas regras de derivação.

É, assim, possível descrever as relações entre os diferentes predicados. Com as regras de acção, é o próprio movimento destas relações que é descrito.

Todorov introduz ainda duas noções: a de Ser/Parecer (uma acção pode "parecer" alguma coisa e depois constatar-se que é o seu oposto) e a de Transformação Pessoal (transformação dos sentimentos das personagens, por exemplo).

As personagens podem cumprir duas funções. Podem ser sujeitos das acções descritas pelos predicados; podem também ser objectos dessas mesmas acções. Todorov designa-as igualmente por agentes e, tal como os predicados, são unidades estáveis.

Claude Bremond, no referido número 8 (1966) da revista *Communications*, afirma, tal como Barthes, que não há narrativa quando os acontecimentos não são produto de agentes e não atingem "pacientes" antropomorfos.

Como Propp, estabelece a função como unidade de base, o átomo narrativo. Uma combinação de três funções, correspondentes às fases de qualquer processo, produz a sequência elementar. Ao contrário de *Morphologie du conte*, perante uma função, o narrador tem a liberdade de a realizar ou de a conservar em virtualidade. As sequências elementares associando-se entre si, originam sequências complexas.

Cada sequência comporta as perspectivas dos diversos agentes que nela estão envolvidos. O que é degradação para um, é melhoramento para outro. Ou seja, cada um é herói da sua própria sequência.

2. Análise greimasiana

Uma vez que é aplicando o modelo greimasiano de análise da personagem que as personagens da "Estória de Gerinar-do" serão estudadas, destaco este mesmo modelo.

Depois de comparar as "dramatis persona" de Propp com as funções de Souriau, Greimas propõe substituir estes termos e conceitos, bem como os de personagens, por actante - inspirando-se na sintaxe estrutural de Tesniere.

Este conceito, ao qual atribui uma importância fundamental, é definido como instância sintacticamente "antérieurs aux prédicats" ⁽¹⁰⁾ e como "unités sémantiques de l'armature du récit" ⁽¹¹⁾.

Na *Sémantique Structurale*, institui uma categorização dos actantes, sob a forma de oposições

"sujeito" vs "objecto"
 "destinador" vs "destinatário"
 "adjuvante" vs "oponente"

construindo, em seguida, um "modelo actancial" ⁽¹²⁾:



O destinador é aquele que comunica; o destinatário, aquele a quem é comunicado. Ambos se articulam no eixo da comunicação, dominado pela modalidade saber. O sujeito é aquele que deseja; o objecto, aquilo/aquele que é desejado. Um existe para o outro, numa relação conjunta, situando-se no eixo do desejo, cuja competência modal é o querer.

Em relação ao adjuvante e oponente, Greimas prefere constituir-los em "circunstâncias", uma vez que se definem em relação ao sujeito. São "projections de la volonté d'agir et des resistences imaginaires du sujet lui-même, jugées bénéfiques ou

malefiques par rapport à son désir." ⁽¹³⁾ A sua competência modal é o poder.

Todos estes actantes, no seu "percurso narrativo" (sucessão lógica dos "programas narrativos", que define como processos de fazer transformador) podem agregar ao seu "estatuto actancial" (o que os define num dado momento, tendo em conta a totalidade do seu percurso anterior) um número determinado de funções actanciais definíveis sintacticamente (posição do actante no percurso narrativo) e morfológicamente (em relação ao conteúdo modal, querer-fazer, saber-fazer e poder-fazer).

Em *Sémiotique*, o conceito de modelo actancial desaparece, estabelecendo uma distinção tipológica dos actantes no âmbito do discurso enunciado:

actantes da comunicação - 1) narrador/narratário, usando a terminologia de G. Genette; 2) interlocutor/interlocutário "qui participent à la structure de l'interlocution de second degré qu'est le dialogue". ⁽¹⁴⁾

actantes da narração - 1) sujeito/objecto; 2) destinador/destinatário.

Estes últimos, gramaticalmente, opõem os actantes sintacticos, enquanto sujeitos de enunciados de estado e de enunciados de fazer, aos actantes funcionais, que são sujeitos pragmáticos e cognitivos.

Tendo em conta que, ao nível da semântica discursiva, os actantes dispõem de várias possibilidades de figurativização, há que distinguir actantes individuais, duais e colectivos.

Eles distinguem-se dos actores (personagens de Propp). Greimas define-os como "unité lexicale, de type nominal, qui, inscrite dans le discours, est susceptible de recevoir, au moment de sa manifestation, des investissements de syntaxe narrative de surface et de sémantique discursive" ⁽¹⁵⁾. São figuras concretas que assumem um ou vários papéis actanciais e temáticos. Constituem-se pela conjugação de funções actanciais, componente da sintaxe narrativa, e de funções temáticas, componente semântica do discurso. O seu conteúdo semântico é definido pelos semas: entidade

figurativa, animado, susceptível de individualização.

Apesar de distintos, actores e actantes, pode instituir-se entre eles, relações diversas:

1) de isomorfismo (quando um actante corresponde a um actor)

2) de sincretismo (quando vários actantes correspondem a um actor)

3) de desmultiplicação (quando um actante corresponde a vários actores)

Tendo em conta a estrutura polémica da narrativa, Greimas estabeleceu uma relação mútua entre uma série positiva e uma série negativa de actantes. Desenvolvendo o eixo das instâncias actanciais contrárias (destinador e anti-destinador) encontra novas posições actanciais, contraditórias, a do não-destinador e a do não-anti-destinador.

II. ANÁLISE DAS PERSONAGENS DO ROMANCE DE GERINALDO

O romance tradicional "Estória de Gerinaldo" ⁽¹⁶⁾ apresenta dois níveis, o da narração, que comporta o ponto de vista do narrador, e o da história, da diegese, sequência linear de acontecimentos funcionais ligados a diferentes actantes. ⁽¹⁷⁾

Na primeira estrofe, a Princesa dirige o convite a Gerinaldo, estabelecendo-se um diálogo entre ambos. Surge depois, a narração, interrompida pelo monólogo surdo do Rei. De novo, a Princesa dirigindo-se a Gerinaldo e, finalmente, o diálogo entre este e o Rei. O romance termina com um comentário conclusivo e interpretativo do narrador - de resto, este final é bastante caro à tradição romancística portuguesa, como nota Pere Ferré na tese de doutoramento, pags. 599-600 (*Estratégias Dramatizadoras do Romancero Tradicional Português*, Lisboa, 1987).

O narrador, que aparece no verso 22 na primeira pessoa, é um sujeito de enunciação enunciada directamente investido na faculdade de proceder em nome do enunciador - que é o destinador implícito da enunciação. Ele é extra e heterodiegético e

com uma focalização zero - uso estes conceitos na esteira de Genette ⁽¹⁸⁾. É extradiegético porque não participa na história narrada; focalização zero, correspondendo à "visão por trás" de Pouillon (Todorov, retomando a classificação de Pouillon, designaria este narrador: Narrador > Personagem ⁽¹⁹⁾) - ele sabe mais do que as personagens: mais do que o Rei, conhecendo o motivo porque Gerinaldo desaparecera e onde se encontrava; mais do que Gerinaldo e a Princesa, uma vez que, antes de se aperceberem do punhal do Rei entre si, sabia que este havia estado na alcova. E de referir, ainda, um outro tipo de focalização deste narrador, interna mas variável. Interna porque manifesta um conhecimento interior da personagem focal. Variável porque a personagem focal vai sendo substituída - Gerinaldo, depois, o Rei.

§ Estrutura discursiva

1. Os actores

Princesa
Gerinaldo
Rei

São actores individuais, embora só apareça um onomástico. Rei e princesa constituem, cada um deles, um papel temático que serve de demoninação dos respectivos actores. Onomástico, vindo da semântica discursiva, é complementar da actorialização, um dos procedimentos da sintaxe discursiva - ao lado da temporalização ⁽²⁰⁾ e da espacialização. ⁽²¹⁾

2. Os papéis temáticos

Desencadeiam certos percursos figurativos previsíveis. A figura da Princesa, antes de ser explorada pela narrativa, aparece carregada de conteúdos semânticos virtuais, mas o texto seleccionou o papel temático de "Princesa-mulher-sedutora". A figura do vassalo Gerinaldo: dois papéis temáticos - em relação à Princesa, "Vassa-

lo-homem-seduzido"; em relação ao Rei, "Vassalo-atrevido". A figura do rei: dois papéis temáticos - papel familiar, enquanto pai, e papel de juiz sancionador.

Voltar-se-á à estrutura discursiva, depois da análise da estrutura narrativa, a fim de se verificar as respectivas relações entre actores e actantes (estrutura actorial objectivada/subjectivada; relações entre actores-actantes de isomorfismo/sincretismo/desmultiplicação).

§ Estrutura semio-narrativa

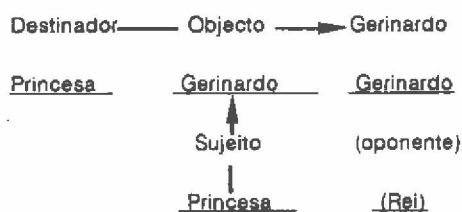
Uma narrativa coloca os actantes em acção. Ao longo do programa narrativo dado, eles vão assumindo um certo número de papéis actanciais, adquirindo a competência (modalidades) necessária à realização de uma performance.

Pode considerar-se o papel actancial de um actante num dado momento do percurso narrativo, não como uma unidade isolada, mas como a resultante de todos os papéis actanciais desempenhados por esta unidade até esse momento. Encontramos, assim, o estatuto actancial.

É assinalando os actantes, os papéis actanciais e o estatuto actancial que as personagens do romance serão analisadas a este nível narrativo.

1ª Sequência

(diálogo entre a Princesa e Gerinardo)



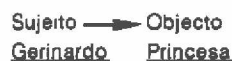
A Princesa aparece como um destinador que comunica a Gerinardo, destinatário, que ela própria, sujeito, deseja Gerinardo, objecto. Desde logo o avisa da presença ameaçadora do Rei-pai, que se assume como oponente à realização do desejo do sujeito.

O destinador, caracterizado pela modalidade do saber, relaciona-se com o destinatário através do eixo da comunicação. O sujeito encontra-se num estado disjuntivo em relação ao objecto (S V O) e caracterizam-se pela modalidade do querer. Correlacionam-se no eixo do desejo. É um sujeito virtual, de querer-fazer, mas através da inovação que faz a Gerinardo, do assentimento deste e da estratégia que é montada, este sujeito vai adquirir competência (modalidade do poder-fazer) para passar à performance, constituindo-se como sujeito actualizado. Na medida em que este sujeito faz uma tentativa para passar ao estado conjunto com o objecto, ele é um sujeito transformador.

Apesar disso, a presença - inesquecível - do Rei, actor que assume um papel actancial do sujeito (modalidade não-poder-fazer), do qual é disjuntivo enquanto actor.

2ª Sequência

(a Princesa e Gerinardo encontram-se)



No início da sequência, o sujeito é actualizado, dotado do querer e poder-fazer, mas ainda disjuntivo do objecto. Depois, torna-se um sujeito realizado, desempenhando a performance. É um sujeito de fazer e um sujeito de estado, agora em conjugação com o objecto, no mesmo actante narrativo.

A presença do rei, embora na sombra, é notória.

3ª Sequência

(o Rei, notando a ausência de Gerinardo, procura-o e encontra-o)



O destinatário, caracterizado pela modalidade do saber, notando a ausência de Gerinaldo, facto que é destinador da acção de procura/encontro do objecto, Gerinaldo, pelo sujeito, o Rei. Destinador e destinatário estabelecem um contrato injuntivo⁽²²⁾.

O sujeito, caracterizado pela modalidade do querer, mas também do poder (sujeito actualizado) está disjunto do objecto. No entanto, ele é um sujeito de fazer, na medida em que desempenha a performance, o que lhe dá o papel actancial de sujeito realizado.

Encontra Gerinaldo, objecto, passa a estar em conjugação com ele (S \wedge O).

4ª Sequência

(o Rei hesita quanto à atitude a tomar e deixa a sua marca, o punhal)



O destinador, articulando-se no eixo da comunicação com os destinatários, cuja competência é o saber, hesita quanto à atitude a tomar, caracterizando-se, neste sentido, pela modalidade do poder. Deixa a sua marca, o punhal, que é reconhecido pelos destinatários, a Princesa e Gerinaldo.

5ª Sequência

(reacção da Princesa e de Gerinaldo)



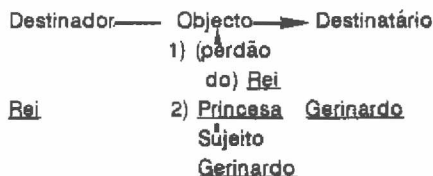
A Princesa, descobrindo o punhal entre ambos, mostra-o a Gerinaldo; destinador e destinatário caracterizam-se pela modalidade do saber. Estabelece com ele um contrato injuntivo⁽²³⁾: incumbe-o de pedir perdão ao Rei, uma vez que ele é seu

amigo - parece ser relegada a hipótese de uma fuga conjunta.

Gerinaldo, sujeito, deverá desejar o perdão do Rei, objecto. Sujeito e objecto articulam-se no eixo do querer, cuja modalidade é o querer fazer - e pode fazê-lo.

6ª Sequência

(confronto entre Gerinaldo e o Rei)



A sequência inicia-se com a fala de Gerinaldo invocando o perdão do Rei. Gerinaldo é um sujeito realizado desempenhando a performance (sujeito de estado ainda em disjunção com o objecto e, simultaneamente, sujeito de fazer no mesmo actante narrativo).

É então que o Rei, destinador, comunica a Gerinaldo, destinatário, a permissão para este receber o objecto, a Princesa - fazendo, todavia, reparo ao atrevimento de Gerinaldo. Relacionam-se através do eixo da comunicação, cuja modalidade é o saber.

Gerinaldo é, então, um sujeito de estado em conjunto com o objecto e reconhecido por parte do destinador.

7ª Sequência

(declaração de Gerinaldo)



Gerinaldo revela a sua verdadeira identidade ao Rei e comunica-lhe que, unindo-se à Princesa, "pago lo não devido" (verso 66). Articulam-se, destinador e destinatário, no eixo da comunicação cuja competência modal é o saber.

III. Conclusões

1. A análise sequencial que acabo de fazer, revela uma grande instabilidade morfológica dos actantes, fazendo apenas excepção ao Rei - figura fulcral e sempre presente, quer de uma forma expressa, referida ou subentendida.

2. Passando de uma visão sequencial para uma visão de conjunto, defino do seguinte modo os actantes do romance:

Destinador - Rei
Destinatário - Princesa; Gerinaldo
Sujeito - Princesa
Objecto - Gerinaldo

3. A estrutura actorial do romance é tendencialmente objectivada, já que há, entre actantes e actores, uma relação de sincretismo (n actantes para um actor) e de desmultiplicação (um actante para n actores).

4. Tal como na grande maioria do corpus romancístico tradicional, não encontro, aqui, uma programação narrativa polémica, ou seja, a um programa do actante-herói, com características positivas, opôr-se um outro, de características negativas.

5. Como os outros romances, este apresenta como componentes dominantes a narração e, de uma forma privilegiada, o diálogo. A narração estabelece a ligação entre os diálogos. As personagens não são apresentadas, sendo o intracontexto que fornece informação sobre a personagem que fala - caracter elíptico dos romances que obriga o receptor a articular as sequências e a identificar as personagens

6. O estudo das personagens do romance "Estória de Gerinaldo" foi, para mim, desplotador da ideia do estudo das personagens narrativas do romanceiro tradicional português, em ordem a uma possível tipologia da personagem deste corpus literário.

Trabalho na senda de uma teorização da literatura tradicional - área ainda muito nebulosa, apesar dos estudos notáveis de Ramón Menéndez-Pidal, Diego Catalán, Bráulio Nascimento, Pere Ferré e alguns outros.

NOTAS:

(1) Vladimir Propp, *Morphologie du conte*, Le Seuil, Coll. Points, 1970

(2) Ibidem, p. 31.

(3) Ibidem, pp. 96 e ss.

(4) A. J. Greimas, *Sémantique structurale*, Lib. Larrousse, Paris, 1966, pp. 175 e ss.

(5) Ibidem.

(6) A. J. Greimas e J. Courtés, *Sémiotique, Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*, Hachette, 1979

(7) L. Tesnière, *Éléments de syntaxe structurale*, Klincksieck, Paris, 1959, p. 102

(8) A. J. Greimas, *Sémantiques structurale*, op. cit., p. 130.

(9) T. Todorov, "Les catégories du récit littéraire", *Communication*, 8, 1966.

(10) A. J. Greimas, *Sémantiques structurale*, op. cit., p. 129.

(11) A. J. Greimas, *Du Sens, Essais Sémiotique*, Ed. du Seuil, Paris, 1970, p. 253

(12) A. J. Greimas, *Sémantiques structurale*, op. cit., pp. 176-180.

(13) Ibidem, p. 180

(14) A. J. Greimas e J. Courtés, *Sémiotique, Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*, op. cit.

(15) Ibidem.

(16) Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Portuguez*, I, 2ª ed., Manuel Gomes, editor, Lisboa, 1906. Edição fac-similada de Pere Ferré, Vega, Lisboa, 1982.

(17) Uso estes conceitos apoiando-me nas distinções propostas por Genette, Benveniste e Greimas - estudos formulam uma organização bastante semelhante, como o próprio Greimas afirma em *Sémiotiques...*(op. cit.).

(18) G. Genette, *Figures III*, Seuil, Paris, 1972.

(19) T. Todorov, "Les catégories du récit littéraire", op. cit.

(20) A temporalização produz o sentido da "temporalidade" e converte a organização narrativa em "história". como o documento *Sémiotique, Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage*, op. cit.

(21) Distinta da especialização cognitiva, coloca-se ao nível da dimensão pragmática do discurso. Ibidem.

(22) O destinador estabelece um contrato injuntivo com o destinatário quando lhe transmite um dever ou lhe confia uma missão.

(23) Ibidem.

BIBLIOGRAFIA

1. BRAGA, Teófilo, *Romanceiro Geral Português*, vol. 1, Vega, Lisboa, 1987.

2. CATALÁN, Diego, *Por Campos del Romancero, Estudios sobre la Tradición Oral Moderna*, Gredos, Madrid, 1970.

3. FERRÉ, Pedro, *Estratégias Dramatizadoras do Romancero Tradicional Português*, Lisboa, 1987.

4. GENETTE, G., *Figures III*, Seuil, Paris, 1972.

5. GREIMAS, A.J., *Sémantique Structurale*, Larousse, Paris, 1966.

6. *Du sens*, Seuil, Paris, 1970.

7. *Du sens*, Seuil, Paris, 1983.

8. e COURTÉS, J., *Sémiotique Narrative et Textuelle*, Larousse, 1973.

9. PROPP, V., *Morphologie du Conte*, Seuil, Points, 1970.

10. TESNIÈRE, L., *Éléments de Syntaxe Structurale*, Paris.

11. *Communications*, Ed. du Seuil, 8, 1966.

estudentina

PAPELARIA * LIVRARIA

de: Francisco do Coito Quirino

TUDO PARA O ESTUDANTE

LIVROS ESCOLARES

MATERIAL DIDÁCTICO E DE ESCRITÓRIO

SEDE: Largo Escritor Manuel Ribeiro, 4 - AGENTE «MOLIN»

FILIAL: Rua de Mértola, 83-85 - (Discoteca - Material de Som e Imagem)

Telef. 22629

7800 BEJA